



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9110 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS NO TERRITÓRIO DE EMPODERAMENTO POPULAR: UM COLETIVO DE MULHERES EM FLORAÇÃO

Joanne Cristina Pedro - UCS - Universidade de Caxias do Sul

Andréa Wahlbrink Padilha da Silva - PPGEDU/UFRGS

Nilda Stecanela - UCS - Universidade de Caxias do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERGS

Mediações pedagógicas no Território de Empoderamento Popular: um coletivo de mulheres em floração

Resumo: O texto reflete acerca de um exercício de sistematização da experiência, com referência em Jara (2018), que consiste na concretização e construção de uma saboaria popular, por um coletivo de mulheres que compreende o trabalho associado, como princípio educativo, o eixo condutor do processo. Objetiva a análise das mediações pedagógicas constituídas a partir do processo de sistematização vivenciado pelas mulheres implicadas na experiência e a identificação das "rupturas" acumuladas coletivamente, na práxis que se desdobra desse encontro. Nossa argumentação considera e analisa uma das "forças estruturantes" do trabalho associado que fertiliza as mediações pedagógicas em seu contexto: a ação no território periférico, em sua dimensão educativa e de empoderamento popular.

Palavras-chave: Sistematização de experiências; Mediações pedagógicas; Trabalho associado; Território.

A presente escrita desenvolve-se a partir da reflexão acerca do exercício de sistematização da experiência, com referência em Jara (2018), que consiste na concretização e construção de uma saboaria popular, por um coletivo de mulheres que concebe o trabalho associado, como princípio educativo, o eixo condutor do processo.

A experiência em questão, iniciada em maio de 2020 é compreendida como um dos desdobramentos de um processo de construção coletiva e de ação/reflexão, retomado entre 2016 e 2017, tecido no encontro entre militantes de um movimento popular urbano, o Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos [\[1\]](#) (MTD) e um grupo de moradores e moradoras do território em questão, situado na região periférica de um município da serra gaúcha.

A Saboaria, portanto, concretiza-se como a confluência entre sujeitos atuantes no território a partir do trabalho militante, sujeitos em que lá vivem, e agentes que se integram ao processo, como mulheres vinculadas a uma organização social da igreja católica.

A problemática sobre a qual nos debruçamos nesta comunicação desenvolve-se a partir da pergunta: Considerando a sistematização da experiência em processo, acerca da construção da Saboaria e a análise das mediações pedagógicas construídas no encontro entre sujeitos conectados pela inserção no movimento popular (MTD) e a atuação no território, quais as "rupturas"[\[2\]](#) acumuladas coletivamente, na práxis que se desdobra desse encontro plural?

Para responder, ainda que parcialmente, tal questionamento, organizamos o texto a partir da contextualização de sua metodologia que traz em seu cerne, a participação como pressuposto mobilizador da pesquisa e a análise dos resultados, seguida de algumas considerações acerca do processo.

A Saboaria Popular vem se constituindo como um coletivo, com a participação de, atualmente, 16 mulheres, que constroem cotidianamente um espaço produtivo, político-educativo e de resistência inspirado em experiências alternativas de economia para as mulheres, baseadas na solidariedade, na cooperação, na autonomia e na autogestão de trabalhadoras livremente associadas e no resgate do conhecimento e do poder popular.

Tomando o trabalho associado como eixo condutor do processo, os pilares que sustentam a concepção do coletivo, são: economia popular solidária; empoderamento das mulheres, no escopo do feminismo popular classista; noção de ecologia e o cuidado com a mãe Terra na relação com o ser humano integral, trabalho em seu sentido ontológico, como elemento construtor da humanização e de novas sociabilidades e a cultura e o poder popular.

Os cenários metodológicos evocados para estruturar os caminhos da sistematização da experiência, em processo, pautam-se na práxis do sociólogo peruano Oscar Jara (2018) cuja origem se dá como produto do esforço para se construir marcos próprios de interpretação, pautados nas condições particulares da realidade latino-americana, sobretudo em seus processos organizativos emancipatórios, em busca de mudanças sociais, econômicas e políticas.

A proposta compartilhada junto ao coletivo foi a de olhar o passado (recente), ou seja, o processo de construção, para entender o presente e projetar o futuro, visando a exercitar a reflexão sobre a prática, reforçar a compreensão acerca do processo em sua totalidade e as estratégias para o fortalecimento do coletivo, na busca um outro mundo possível, sem o jugo da exploração e da opressão.

A proposta de sistematização de experiências ampara-se em cinco momentos metodológicos, sendo estes: Viver a experiência; Formular um plano de sistematização; Recuperar o processo vivido; As reflexões de fundo; Pontos de chegada. Integra-se a nossa intencionalidade a produção de conhecimento, pautando-nos em um marco epistemológico sustentado na participação, na coletividade e na partilha.

O processo da sistematização realizado em três encontros, de novembro/20 a fevereiro/21, contou com as seguintes etapas: sensibilização do coletivo para a formulação de nosso plano; exercício de recuperação do vivido (linha do tempo e memórias acerca do processo) a partir do resgate de fotografias impressas do processo e montagem de dois quadros com as fotos escolhidas pelo grupo; exercício de reflexão sobre o presente e análise de avanços e pontos a fortalecer, além de projeção de ações para o futuro.

A análise a ser apresentada, considera uma das “forças estruturantes” do trabalho associado, que emergiu no processo de sistematização, a ação no território, compreendido como lócus educativo e de empoderamento popular. A ação no território, portanto, constitui-se e é constituída, por diversas mediações pedagógicas do trabalho associado

O espaço concreto e o cotidiano do trabalho associado, em sua dimensão educativa, organizativa e participativa, se mostram como potenciais campos para o desenvolvimento de mediações pedagógicas na direção da construção do poder popular.

A dialética marxista, na construção de sua teoria social, influenciada pela categoria mediação, evidencia o papel central da mediação do trabalho com o processo histórico da práxis humana, ao afirmar a necessária produção dos meios que permitem a satisfação das necessidades da vida, a produção da vida material (MARX e ENGELS, 1989). A essa dimensão soma-se a perspectiva de Lukács (1979) do caráter ontológico do trabalho, intermediário entre ser humano e natureza. Trabalho aqui, compreendido como todo processo de formulação: produtivo, intelectual ou criativo, material e imaterial.

A partir de tais concepções, o campo das mediações pedagógicas, de acordo com Adams (2007, p.194) vai se constituindo por contextos e processos relacionais conflitivos ou não, ou ainda como práticas sociais com graus de intencionalidade variáveis “e intervenção problematizadora, crítica e propositiva de sujeitos, com aporte de elementos (in)formativos e (des)veladores de contradições da vida real, geradoras de estímulos ou rupturas que resultam em aprendizados”. Nessa perspectiva resgatada, o trabalho como princípio educativo, em uma relação dialética, fertiliza a categoria da mediação pedagógica.

O trabalho associado, eixo condutor do processo é aqui tomado na perspectiva marxiana, como contraponto ao trabalho assalariado e como relação que se expressa no movimento da classe trabalhadora, conectado, desta forma, à necessidade de uma nova relação social de produção fundada no combate à exploração e na associação de trabalhadores, na qual se depositam as forças produtivas comuns, assumindo a integralidade do processo[3], desde a produção, passando pela distribuição até o consumo, constituindo-se como um processo com vistas à emancipação humana (MARX, 1956; TONET, 2005).

Para elaborar essa formulação, na qual o coletivo identifica o território como uma força estruturante do trabalho associado que alimenta as mediações pedagógicas na saboaria e no seu entorno, articularemos os conceitos de Freire (2016a) ao evidenciar a importância do “partir da realidade” dos sujeitos, nos processos educativos, a partir da leitura de mundo destes, e, a categoria “atualidade” do educador soviético Moisey Pistrak (2018).

O território periférico, compreendido como cenário da experiência apresenta-se como uma força estruturante do trabalho associado que alimenta as mediações pedagógicas no seu contexto, partindo-se do pressuposto que a ação do coletivo, nesse espaço, dialoga diretamente com o cotidiano das mulheres que ali vivem, como um espaço potencial para leitura de realidade a ser aprofundado, dispondo de elementos e contradições para a construção do conceito de atualidade entre os que por ele transitam com variantes graus de intencionalidade pedagógica.

Um conceito-chave do pensamento freiriano corresponde à leitura de mundo, ou leitura da realidade. Captar, os fenômenos macrossociais, a partir da percepção de suas vivências concretas e imprimir nestes as suas marcas históricas e culturais. Desvelar, de acordo com Freire (2016), os fundamentos desses fenômenos, origens, tendências e contradições, compreendendo os fatos como parte de um todo histórico e dialético passível de transformação pela ação humana, pela relação entre homens e mulheres e destes e destas com o mundo: temporaliza-se espaços geográficos, faz-se cultura.

Pistrak (2018) em suas formulações acerca da pedagogia socialista, as quais nos fornecem chaves de leitura que acrescentam elementos ao debate acerca da ação no território, considerando a Educação a favor de transformações estruturais na sociedade, nos apresenta a categoria pedagógica da atualidade, afirmando que a escola deve estudar a atualidade,

familiarizar-se com ela e transformá-la ativamente. Atualidade, compreendida, como “tudo o que, na vida social da nossa época, está destinado a viver e se desenvolver, tudo que se agrupa em torno da revolução social vitoriosa e que serve à organização da vida nova” (PISTRAK, 2018, p.42).

Apesar de não estarmos inseridas no ambiente da educação formal, compreendemos que o território periférico, cenário da ação cotidiana da Saboaria também se perfaz como o local da leitura da atualidade e da realidade, do tecimento da cultura e da luta social articulada nas fissuras abertas do hegemônico, pela ação coletiva.

Entendemos que a direção político-educativa, como instrumento de luta e criação, vivenciada na Saboaria deve desembocar na atualidade e se formar nela, de modo auto-organizado, forjando-se, então, no território periférico, um lugar não só de possíveis encontros/convergências entre a ação dos movimentos populares, mas também, como organização popular de caráter educativo no território, como as demais ações coletivas que existem no local, além da própria ação escolar para além de seus muros.

A sistematização reafirma a importância do trabalho produtivo na dimensão da cooperação, como articulador de diferentes dimensões e relações. Identificamos que a ação no território, a partir da experiência concreta da saboaria e a leitura crítica e coletiva da realidade, nos oferecem recursos que fortalecem a consciência de classe e a cooperação entre sujeitos periféricos.

Sendo assim, o coletivo vem compreendendo que a saboaria e as trabalhadoras vinculadas podem se constituir como agentes articuladoras de ações no território que envolvam tanto os coletivos culturais que por lá transitam, quanto outros agrupamentos, como movimento comunitário, agentes de saúde, educadores, além de novos agentes a serem aglutinados no processo.

O território situa-se como um potente centro de pesquisa sobre a realidade, como campo de lutas e contradições, ou ainda, como o lugar da vida em si, onde se constrói a prática social, formativo-educativa dos que estão inseridos em seu contexto.

Compreendemos, portanto, que as mediações pedagógicas desse território educativo, fertilizam a luta e o poder popular e para o enfrentamento da opressão/exploração e para a reconstrução de seu tecido social. No âmbito da projeção dos “pontos de chegada”, o coletivo definiu que ações integradas aos atores sociais, dentre eles, a escola, são essenciais no âmbito de concretizar a característica de heterogeneidade criadora presente no território, de modo que neste momento, vêm sendo articulados:

- ações de solidariedade que implicam na distribuição de marmitas para famílias em situação de vulnerabilidade, em associação com o centro comunitário do loteamento;
- parceria com a escola para gravação de depoimentos de mulheres em documentário produzido sobre a história da saboaria;
- articulações em torno de um projeto sobre a implementação do teatro do oprimido no bairro em parceria com um coletivo cultural do território e uma escola de teatro da cidade.

Tais ações iniciais trazem a potencialidade para serem aprofundadas na práxis cotidiana e nesse entrelaçamento não linear entre o campo do trabalho, como mediação pedagógica, na perspectiva da superação da exploração histórica e das dimensões culturais e subjetivas que confluem pelo território demarcando identidades e pertencas. É nessa convergência que buscamos o anúncio do “novo” – novas formas de sociabilidade: rupturas,

contradições, debates e vivências concretas para um novo projeto de sociedade.

Referências

ADAMS, T. **Educação e economia (popular) solidária**: mediações pedagógicas do trabalho associado na Associação dos Recicladores de Dois Irmãos. Tese (Doutorado). Universidade do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016a.

JARA, O. **La sistematización de experiencias**: práctica y teoría para otros mundos políticos – 1ed. Bogotá: Centro Internacional de Educación y Desarrollo Humano — CINDE, 2018.

LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social**. Os princípios ontológicos fundamentais em Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

PISTRAK, Moisey M. **Fundamentos da escola do Trabalho**, 1^a. ed, São Paulo: Expressão Popular, 2018.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARX, K. Manifesto de lançamento da Associação Internacional dos Trabalhadores. In: MARX, K e ENGELS, F. **Obras escolhidas** vol. 1. Rio de Janeiro: Vitória, 1956.

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

[1] O MTD é um movimento social popular de classe, atravessado pelas questões objetivas e subjetivas de nosso tempo histórico em construção. Forjado no ano 2000, atualmente, caracteriza-se como um movimento urbano que atua no contexto das periferias e organiza-se nacionalmente, tendo como objetivo estudar e agir na realidade em que vivemos em busca da transformação social que traga direitos e autonomia para todo o povo brasileiro.

[2] Rupturas, aqui, são consideradas processos de enfrentamento à lógica hegemônica, pautados em experiências coletivas de autoconstrução, as quais evidenciam contradições, buscam estratégias para sua superação, avançam e encontram limites em seu confluir.

[3] As contradições desse processo serão analisadas em estudo mais aprofundado.